

Brincadeiras de rua em Belém-PA: uma análise de gênero e idade

Sarah Danielle Baia Silva

Eline Freire Monteiro

Fernando Augusto Ramos Pontes

Celina Maria Colino Magalhães

Simone Souza da Costa Silva

Universidade Federal do Pará, Belém – PA – Brasil

Resumo: As brincadeiras infantis constituem momento rico em interações sociais, objeto de interesse tanto para descrição da cultura infantil como da Psicologia do Desenvolvimento. O presente trabalho pretende descrever as brincadeiras de rua em um bairro de periferia da cidade de Belém-PA, e relacioná-las com a idade e o gênero dos participantes. Participaram da pesquisa 668 crianças e adolescentes (423 meninos e 245 meninas), moradores ou visitantes da área investigada, que se encontravam brincando no período de coleta. Os instrumentos utilizados foram: folha de registro e questionário sociodemográfico. A técnica escolhida foi a varredura. Foi alta a frequência e a variabilidade das brincadeiras, totalizando 17.877 registros, distribuídos em 176 brincadeiras diferentes. O perfil de brincante mais observado foi de meninos na faixa etária de 10-13 anos, sendo jogos de regras a categoria mais frequente. No geral, destaca-se a rua como contexto favorecedor de brincadeiras coletivas.

Palavras-chave: brincadeiras; desenvolvimento humano; gênero; crianças; adolescentes.

Introdução

As brincadeiras infantis têm sido objeto de interesse renovado na área da Psicologia do Desenvolvimento Humano. A atenção a este tema se justifica pela compreensão da importância exercida pela atividade lúdica ao desenvolvimento das crianças (WAGNER et al., 2004; QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006; CORDAZZO; VIEIRA, 2007). O contexto da brincadeira constitui um momento rico em interações sociais, que tem sido apontado como elemento constitutivo da natureza humana (CAMAIONI, 1980; PEDROSA, 1989; PINHO, 2001; CARVALHO, 2002; LEAL; AIRES, 2004; BICHARA; CARVALHO; OTTA, 2009).

Os benefícios da brincadeira para o desenvolvimento infantil são observados em várias culturas, independentemente da presença de objetos especificamente estruturados para a atividade lúdica (GOSSO; OTTA, 2003). As brincadeiras infantis são um indicativo das etapas do desenvolvimento das crianças e, ao mesmo tempo, veículo para aquisição de importantes habilidades para a vida futura, com destaque para a linguagem e aprendizagem de comportamentos sociais (BICHARA; CARVALHO; OTTA, 2009). A aprendizagem de novas habilidades por meio da brincadeira acontece em situação protegida dos perigos e consequências reais das atividades consideradas sérias (CARVALHO; BERALDO, 1989; PONTES; MAGALHÃES, 2002; SANTOS et al., 2004; BICHARA, 2005; PEDROSA, 2005).

No que se refere às percepções infantis, Leontiev (1994) e Elkonin (1998) concebem que os conteúdos das brincadeiras são influenciados pelas percepções da criança acerca dos objetos, relações e atividades humanas do mundo ao seu redor, característicos da sociedade em que vive. Nessa mesma direção pode-se conceber que as representações sociais que a criança tem do seu contexto conduzem as manifestações da brincadeira, seja em suas escolhas acerca do conteúdo ou da modalidade dessa brincadeira (PARKER, 1984; SUTTON-SMITH, 1986; BROUGÈRE; WAJSKOP, 1997; KISHIMOTO, 1999; PONTES; MAGALHÃES, 2002; BICHARA, 2005).

As características do contexto em que as brincadeiras ocorrem refletem na sua forma peculiar de expressão. Embora essa seja uma atividade universal, cada cultura marca as brincadeiras infantis com as características sociais que lhe identificam (FRIEDMANN, 1990; MORAIS; OTTA, 2003). Todavia, além da influência da cultura sobre as brincadeiras, a criança exerce função fundamental, na medida em que atua produzindo, de acordo com o contexto em que vive, formas próprias de brincar (GOSSO; OTTA, 2003).

Investigar a criança como participante ativo em seu desenvolvimento implica considerar o ambiente no qual ela está inserida, as diversas condições de vida em que nasce e se desenvolve (SUPER; HARKNESS, 1999). Sendo assim, o ambiente natural de desenvolvimento das crianças torna-se local privilegiado para observá-las, como, por exemplo, nas situações de brincadeira, em que interagem livremente, trocando olhares, assumindo papéis, aprendendo e transmitindo repertórios verbais, umas às outras (CARVALHO; BERALDO, 1989).

O papel desempenhado pela criança e pelo contexto nas brincadeiras infantis tem destacado a função da variável gênero como um constructo aglutinador de aspectos referentes ao sujeito que brinca e a sua cultura. Nesse sentido, o gênero tem sido considerado como uma categoria responsável por padrões, preferências e formas de inserção na brincadeira, sendo indicativo das expectativas de comportamentos e papéis dentro do grupo, além de ser o seu principal critério de formação já a partir dos três anos de idade (MACCOBY, 1990; SILVA et al., 2006).

Além do gênero, outra característica da criança que repercute na organização das brincadeiras é o estágio desenvolvimental. As pesquisas têm revelado que, de acordo com o momento da vida, as brincadeiras se apresentam de modos diferentes, podendo-se falar em um repertório de brincadeiras que se modifica ao longo dos primeiros anos de vida (CORDAZZO; VIEIRA, 2007; BICHARA; CARVALHO; OTTA, 2009). Enquanto a brincadeira do bebê gira em torno de seu aparato sensório-motor, possibilitando que ele conheça e explore o ambiente ao seu redor por meio dos órgãos dos sentidos; as crianças da primeira infância adquirem o brincar simbólico, no qual objetos e pessoas passam a substituir ou representar outros; e, a partir da segunda infância, a atividade lúdica ganha a estrutura dos jogos de regras, proporcionando condições para a aprendizagem das normas sociais de sua cultura (CORDAZZO; VIEIRA, 2007).

O modo como as variáveis gênero e idade se cruzam e se revelam nas interações lúdicas é influenciado pelas características contextuais. Em determinadas cidades, a rua, ambiente natural peculiar de desenvolvimento, é um palco privilegiado de interação, visto a ausência *a priori* de restrições de interações entre pares de sexo e faixas etárias

diferentes (PONTES; MAGALHÃES, 2002). A observação do espaço da rua e da forma como as crianças o utilizam em suas atividades cotidianas tem permitido um olhar descritivo de sua realidade. Diferentes categorias de comportamentos podem ser identificadas, sendo mais frequentes as brincadeiras, que constituem um fenômeno paradigmático do estudo da organização social e da cultura infantil (PONTES; MAGALHÃES, 2003).

Apesar de ter sido apontado na literatura como uma fonte de riscos para o desenvolvimento (ALVES, 1998), o contexto da rua mostra-se também como provedor de fatores de proteção para a criança que brinca nesse espaço (PONTES; MAGALHÃES, 2003). Esse contexto é propício para a criança exercer sua capacidade de apropriação e transmissão de práticas culturais (PONTES; MAGALHÃES, 2002), experimentar, em situação protegida, e aprender os limites, seus e de seus parceiros (CARVALHO; PONTES, 2003). No Brasil, ainda pode-se encontrar grandes grupos de crianças e adolescentes brincando nas ruas, especialmente nos bairros periféricos das grandes cidades, indicando a função da rua como um contexto de socialização, no qual o próprio desenvolvimento toma forma (CARVALHO; PONTES, 2003).

A rua é um contexto no qual as brincadeiras são partilhadas por grupos de crianças e adolescentes, os quais desenvolvem várias formas de participação na atividade lúdica. Segundo Pontes e Magalhães (2003), em uma brincadeira partilhada por um grupo, não se deve direcionar o olhar estritamente àqueles que, aparentemente, a estão exercendo, pois todo o entorno de sujeitos que, ativa ou passivamente, compartilham desse contexto estão, de fato, participando das brincadeiras que ali acontecem.

A descrição das variadas formas de brincadeiras e atividades infantis por sexo e idade revela um panorama da organização social infantil de determinada cultura, permitindo visualizar não somente as práticas culturais, mas também as tendências desenvolvimentais. O presente trabalho pretende descrever as categorias de brincadeiras de rua em um bairro de periferia da cidade de Belém-PA, e relacioná-las às preferências das crianças e adolescentes em função de idade e gênero.

Métodos

Participantes

Participaram da pesquisa 668 crianças e adolescentes, de 1 a 18 anos (423 meninos e 245 meninas) moradores ou visitantes da área observada. Estes se encontravam brincando em três ruas periféricas de Belém-Pará, que foram selecionadas para a realização desta pesquisa. A amostra foi selecionada com base na conveniência, já que essas ruas se localizavam nos arredores do campus universitário.

Ambiente

A pesquisa foi realizada em um bairro da periferia da cidade de Belém-PA, local que pertenceu à Universidade Federal do Pará nos anos 1990. No entanto, em decorrência do crescimento populacional e do apoio de políticos no período de eleição, essa área foi ocupada, de modo desordenado, por inúmeras famílias. O processo de ocupação dessa área justifica a estrutura geográfica que atualmente apresenta. A coleta de dados ocorreu em uma via constituída pela combinação de três pequenas ruas que se interligavam, formando um triângulo.



Figura 1. Imagem de satélite do local onde foram observadas as brincadeiras

Fonte: Google Maps (2010).

As ruas possuíam serviços precários de esgoto, pavimentação e iluminação públicos, sendo habitadas por população com renda média entre um e dois salários mínimos, e baixa escolaridade (média = 3,87 anos de estudo/pessoa). Os moradores dessa área são pessoas oriundas, em sua maioria, do interior do estado do Pará. As condições precárias de escolaridade e oportunidades no mercado de trabalho fazem que os moradores sobrevivam de atividades informais (ambulantes, carregadores, sacoleiros, domésticas etc.).

Instrumentos

- Questionário sociodemográfico, constituído de questões relativas à identificação do local de moradia e de questões referentes a idade, gênero, escolaridade, profissão e renda familiar, entre outros aspectos utilizados para caracterização da população. A aplicação deste questionário se deu em toda a população que vivia no perímetro pesquisado o que possibilitou a identificação da residência de todas as crianças investigadas.
- Folha de registro para observação das brincadeiras, na qual se registrava hora, local, nome da brincadeira, modalidade da brincadeira, nome dos sujeitos e função destes no grupo (praticantes ou observadores).

Procedimento de coleta de dados

Foram realizadas visitas domiciliares a todos os moradores das ruas escolhidas para a coleta dos dados.

Embora o presente projeto de pesquisa não tenha sido submetido ao comitê de ética, pois sua realização se deu há mais de dez anos, todos os cuidados éticos foram tomados. Durante as visitas domiciliares, foram explicados, aos pais ou responsáveis, os objetivos

da pesquisa, sendo esclarecido que, em qualquer momento, seu filho poderia desistir de participar do estudo. Na sequência, foi solicitada por meio da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, a autorização da participação de seu filho.

Diante do consentimento dos pais, foi aplicado o questionário sociodemográfico cujos dados constituíram um banco de informações sobre os moradores da área, que foi utilizado nesta pesquisa especificamente para caracterização da população e identificação das crianças brincantes.

Com o objetivo de evitar a influência de um dado período do dia ou do mês, foi realizado um planejamento minucioso sobre os dias de coleta, de modo que as informações eram obtidas em dias alternados na semana, por exemplo, segunda-feira, quinta-feira e sábado. Ao final de um mês, haviam sido coletados dados de todos os dias da semana (sete dias de coleta). A pesquisa foi realizada de janeiro a dezembro de 2001, nos períodos matutino (das 10 às 12h), vespertino (das 16 às 18h) e noturno (das 19 às 21h).

Para a descrição das atividades infantis, foi utilizada uma adaptação da técnica de varredura (ALTMANN, 1974). A cada 30 minutos, tendo como referência a localização das residências próximas, os pesquisadores percorriam a extensão das três passagens interligadas, descrevendo todas as brincadeiras realizadas pelas crianças na rua, quatro registros desse tipo (varredura) eram feitos em cada sessão de observação. Para fins deste trabalho, foram analisados especificamente os dados relativos à brincadeira, à idade e ao gênero do participante.

Procedimento de análise de dados

Nesta pesquisa, utilizou-se uma análise quantitativa descritiva dos dados coletados, para tanto, esses dados foram colocados em uma planilha do programa Excel. As brincadeiras encontradas foram agrupadas, de acordo com categorização de Gosso e Otta (2003), em sete categorias: brincadeiras de contingência física; brincadeiras de exercício sensório-motor; brincadeiras de contingência social; brincadeiras de construção; brincadeiras turbulentas; brincadeiras simbólicas/faz de conta; e brincadeiras de regras. As brincadeiras podiam conter, em si, elementos de várias categorias, porém elas foram classificadas de acordo com a característica mais preponderante em cada episódio, utilizando-se as categorias descritas por Gosso e Otta (2003). As categorias são expostas a seguir:

- **Brincadeiras de contingência física:** são aquelas em que a criança, utilizando-se de objetos, exercita relações espaciais e causais, apreendendo, assim, a força e a função dos instrumentos manuseados. Por meio dessa brincadeira, a criança percebe que sua ação no objeto provoca efeitos contingentes. Segundo Parker (1984), esse tipo de brincadeira é uma forma adaptativa de prática de instrumentos.
- **Brincadeiras de exercício sensório-motor:** são espécies de exercícios de atividade motora que estimulam principalmente as sensações sinestésicas e de equilíbrio dinâmico. O prazer parece estar na execução da própria atividade sem nenhuma finalidade utilitária, o que a diferencia das práticas sérias. São assim denominadas as brincadeiras

que exercitam um conjunto variado de comportamentos, tal como ocorrem em seu ambiente de adaptação: pular, correr, balançar-se, subir e descer, entre outros.

- **Brincadeiras de contingência social:** são brincadeiras que apresentam revezamento de papéis (esquema de revezamento social), que parecem ser motivadas e reforçadas pelo prazer associado à capacidade de produzir respostas contingentes nos outros e de responder contingentemente aos outros. São consideradas brincadeiras de contingência social: fazer cócegas, esconde-esconde, imitar gestos e vocalizações, entre outras.
- **Brincadeiras de construção:** são brincadeiras em que materiais são combinados ou modificados para criar um novo produto. A modelagem de argila, areia, atividades de empilhar, encaixar ou construir fazem parte desse tipo de brincadeira.
- **Brincadeiras turbulentas:** são brincadeiras de cunho agonístico, que envolvem comportamentos de luta, perseguição e fuga, sendo que o riso é uma das principais características que distinguem a brincadeira de uma luta real. Além disso, incluem as brincadeiras que envolvem enfrentamento e desafio dos próprios limites físicos e sociais, exercício físico vigoroso e desafio de limites entre o lícito e o ilícito, o seguro e o arriscado, brincadeiras de provocação e zombaria.
- **Brincadeiras simbólicas/faz de conta:** são brincadeiras simbólicas aquelas em que a criança trata objetos como se fossem outros ou lhes atribui propriedades diferentes das que possuem, atribui, a si e aos outros, papéis diferentes dos habituais e/ou cria cenas imaginárias e as representa. Brincadeiras imaginativas cujos conteúdos podem ser festas, atividades domésticas, temas de família, lutas ou perseguições e animais domésticos.
- **Brincadeiras/jogos de regras:** são brincadeiras que envolvem ritualização de papéis e a representação de cenas previsíveis e predeterminadas. As sequências imprevisíveis da brincadeira são transformadas em ciclos repetitivos de ação, com início, meio e fim. Geralmente, os jogos são competitivos, havendo um indivíduo ou grupo que vence ao final.

Os dados coletados, referentes às frequências dos episódios de brincadeiras, foram cruzados de acordo com as variáveis: faixa etária, gênero e categoria de brincadeira, possibilitando a construção de gráficos para análise.

Resultados

Os resultados serão apresentados e discutidos com base nas variáveis que mais se destacaram entre os dados coletados. Estas possibilitaram a construção de três dimensões de análise: faixa etária e gênero; categoria de brincadeira e gênero; e categoria de brincadeira e faixa etária. O Gráfico 1 mostra a descrição da variedade de brincadeiras encontradas. Utilizando as categorias descritas aqui, o gráfico demonstra o total de brincadeiras por categoria.

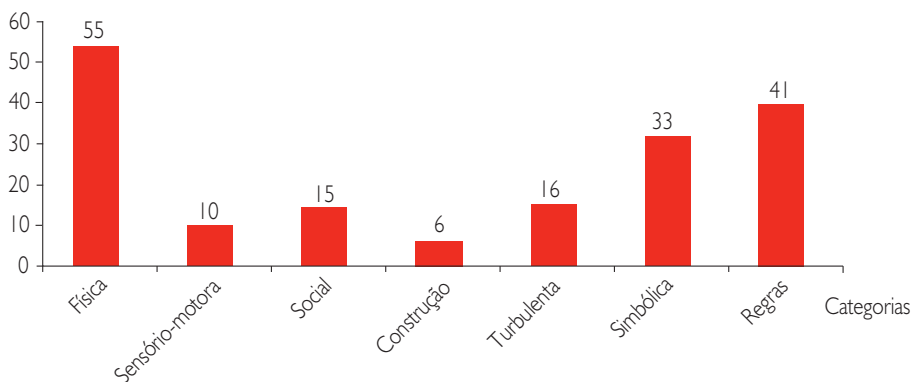


Gráfico 1. Total de brincadeiras por categoria

As brincadeiras observadas totalizaram 17.877 registros de episódios, distribuídos em 176 tipos diferentes de brincadeiras, sendo que 13.570 registros foram de praticantes e 4.307 de observadores das brincadeiras. A rua é amplamente ocupada pelas crianças, de modo que as atividades de brincadeiras estão disponíveis indiferenciadamente. Observa-se que o maior número de brincadeiras registradas pertence à categoria “física”. Apesar do maior número de brincadeiras dessa categoria, as brincadeiras mais frequentes pertencem à categoria de brincadeiras com regras, como a peteca (também conhecida em outras regiões como bola de gude), o futebol e as piras (grande conjunto de brincadeiras equivalente ao que se denomina na Região Sudeste do Brasil de pega-pega).

Faixa etária e gênero

O Gráfico 2 mostra a distribuição da totalidade dos registros de brincadeiras por gênero e faixa etária dos participantes.

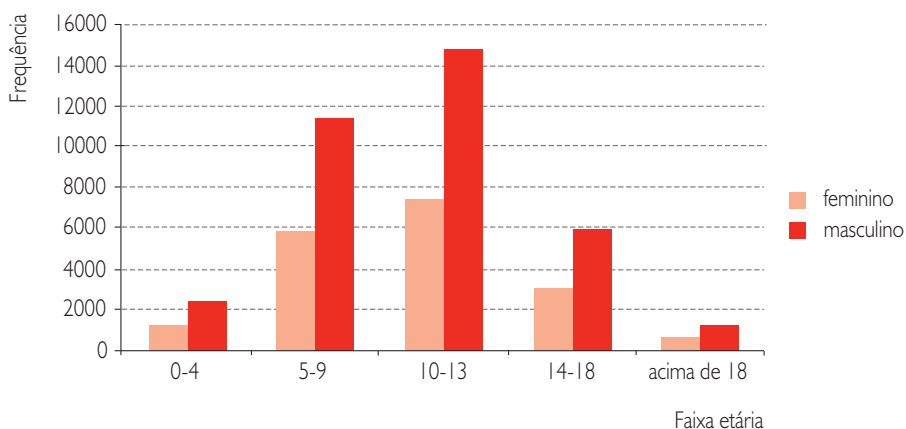


Gráfico 2. Frequência de registros de faixa etária por gênero

Há uma maior expressividade numérica de registros de meninos brincando na rua do que de meninas (423 meninos – 63% e 245 meninas – 37%), contudo os dados sociodemográficos de moradores na faixa etária de 0 – 18 anos indicam somente uma pequena diferença de percentagem de meninos relativamente às meninas (57% *versus* 43%, respectivamente), deste modo, percebe-se que a ocupação da rua é sexualmente diferenciada. Percebe-se que a distribuição de meninos e meninas em faixas etárias segue o mesmo padrão, crescente desde os primeiros anos de vida até a faixa etária de 10 a 13 anos e, em seguida, decrescendo com os anos da adolescência. É interessante notar a presença de bebês (0 – 1 ano), pois os cuidadores carregam tais crianças, que participam de grupos de brincadeira como observadores.

Categorias de brincadeira e gênero

O Gráfico 3 mostra a frequência de registros de cada categoria de brincadeira proporcionalmente ao gênero dos participantes.

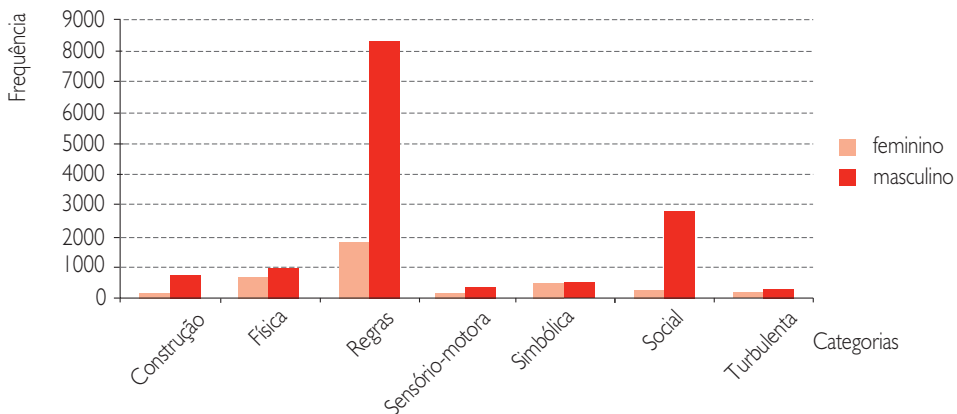


Gráfico 3. Frequência de registros de categoria por gênero

As maiores frequências para ambos os gêneros foram de brincadeiras de regras, as quais são representativas do desenvolvimento cognitivo das crianças mais velhas. A segunda categoria de brincadeiras mais frequente para os meninos foi social, em razão da alta frequência de uma brincadeira em específico: a pipa, com 2.671 ocorrências. Já, para as meninas, a segunda categoria mais expressiva foi física, em virtude de um conjunto diverso de brincadeiras realizadas por elas, como bicicleta, areia/terra, três e cinco cortes (brincadeira com bola, em que os jogadores passam a bola entre si pelo alto, semelhante ao movimento do jogo de vôlei e, por fim, no terceiro ou no quinto passe, o jogador rebate a bola com o objetivo de acertar alguém, que sairá da brincadeira) e pular corda.

O alto índice de brincadeiras com regras se deve, em parte, ao maior registro de brincadeiras de rua em determinada faixa etária, aspecto que será discutido com mais detalhes no próximo item.

Categoria de brincadeira e faixa etária

O Gráfico 4 apresenta a frequência de registros das categorias de brincadeiras por faixa etária das crianças e adolescentes.

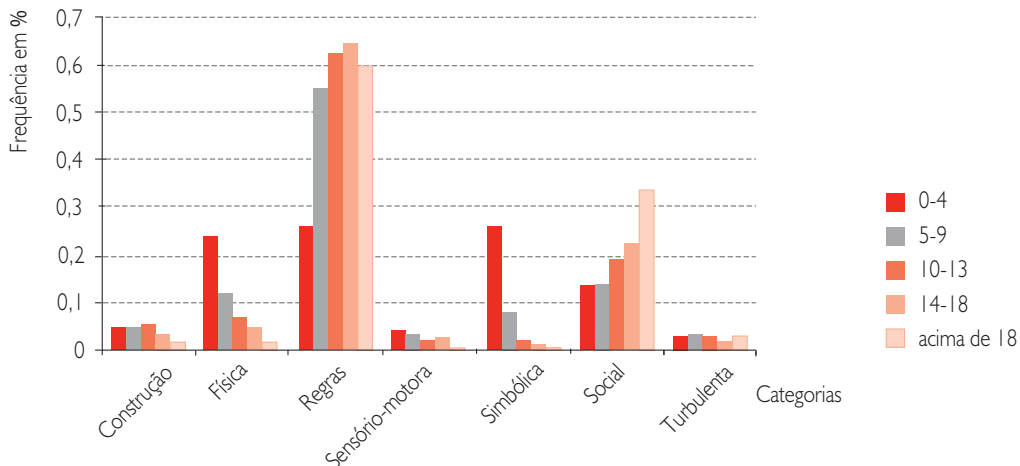


Gráfico 4. Frequência de registros em porcentagem de categoria por faixa etária

As brincadeiras de construção, sensório-motoras e turbulentas apresentam frequências baixas se comparadas às demais categorias, e mantêm-se estáveis em quase todas as faixas etárias. As brincadeiras físicas e simbólicas seguem um padrão semelhante, sendo mais importantes na atividade lúdica de crianças de 0 a 4 anos, ainda estando presentes na faixa etária de 5 a 9 anos e, decaindo sensivelmente com o passar dos anos. Já as brincadeiras sociais seguem o caminho inverso, sendo praticadas por crianças de 0 a 9 anos em frequência semelhante, e crescendo gradualmente entre os adolescentes desde os 13 anos até depois dos 18 anos. A participação em brincadeiras de regras já começa alta entre as crianças mais novas – mesmo que estas apenas desempenhem o papel de observadoras em tais brincadeiras –, sobe sensivelmente na faixa etária de 5 a 9 anos e continua aumentando até os 18 anos, então, regredindo na faixa etária acima dos 18 anos.

Ressalta-se que os papéis de participante e observador dentro de uma brincadeira são distintos, posto que o participante é aquele que, efetivamente, pratica a brincadeira ou jogo em questão e o observador está de fora, observando. Porém, ambos os papéis são importantes para o desenrolar das brincadeiras e para a transmissão de sua cultura (PONTES; MAGALHÃES, 2003). Nesse sentido, geralmente as crianças maiores e os adolescentes praticam as brincadeiras mais complexas e que exigem maiores habilidades e as crianças menores exercem o papel de observadoras, diferentemente daqueles que estão somente passando pela rua por outros motivos, ou seja, elas se engajam na brincadeira por meio da observação e, muito provavelmente, a exercerão em um futuro próximo.

Discussão

As brincadeiras não possuem a finalidade específica de propiciar o desenvolvimento infantil, apesar disto, em sua complexidade e diversidade de formatos, acabam por influenciar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança em muitos aspectos (CORDAZZO; VIEIRA, 2008). Além dessa questão, os dados encontrados revelam a importância de uma cultura da brincadeira para essa população, uma vez que, por meio dela, podem-se identificar os valores agregados a cada tipo de atividade e os padrões relacionais, ensaiados pelas crianças para a vida adulta.

A grande variedade de formas de brincar encontrada parece estar relacionada às diferentes possibilidades de experienciar o contexto. As crianças mais novas apresentam frequências altas de brincadeiras das categorias física e simbólica, além de estarem presentes também, como observadoras, em brincadeiras com regras. Hipóteses relativas a esse resultado podem ser verificadas tanto em termos funcionais (PELLEGRINI; SMITH, 1998; BJORKLUND; PELLEGRINI, 2000) como em termos do desenvolvimento social, cognitivo e da linguagem (CORDAZZO; VIEIRA, 2008).

Destaca-se a relação complexa que existe entre os praticantes e observadores de uma brincadeira (PONTES; MAGALHÃES, 2003). Aqueles que estão participando como observadores, muito provavelmente, se tornarão praticantes daquela brincadeira em pouco tempo. Considera-se, então, a hipótese de que as crianças mais novas ou inexperientes em certas brincadeiras estejam efetivamente aprendendo novas habilidades com os mais velhos, porém esta é uma hipótese que precisa ser mais bem investigada.

Os dados de preferência encontrados vão ao encontro da literatura da área. Todavia, a faceta contextual aqui revelada indica uma introdução ou participação precoce em jogos compatíveis com um desenvolvimento cognitivo avançado, tais como os jogos com regras, nos quais as crianças são introduzidas precocemente no contexto interacional de brincadeiras de pares. Como já observado, a rua é um grande palco de trocas e de aprendizagens. Os eventos de brincadeira são sempre polos de atração, seja somente para observação ou envolvimento ativo; a brincadeira é um valor cultural de entretenimento na localidade.

Por outro lado, percebe-se que os adolescentes paulatinamente se afastam desse palco de interação. As meninas deixam de brincar mais cedo que os meninos. Fatores sociais, tais como a necessidade de ajudar nas atividades domésticas, podem ser responsáveis por esse fenômeno. A realização de tarefas domésticas configura um fator importante para se analisar esta questão. As tarefas domésticas são, geralmente, distribuídas aos filhos de acordo com critérios como: gênero, idade e habilidades necessárias para realizá-las, além da própria necessidade dos pais (LIMA et al., 2008).

De acordo com a pesquisa realizada por Coltrane (2000 apud LIMA et al., 2008), as atividades domésticas são, em geral, de responsabilidade das esposas e filhas. À medida que o adolescente é inserido no contexto de tarefas domésticas, menos tempo lhe sobra para as brincadeiras de rua. Porém esse aspecto necessita ser investigado mais profundamente, em trabalhos posteriores. Pela intensidade de como se apresenta o fenômeno de brincadeira de rua, na localidade estudada, pode-se dizer que a brincadeira de rua é um

palco de desenvolvimento infantil, um fenômeno paradigmático deste processo (PONTES; MAGALHÃES, 2003). A rua é um local de encontro, relações, aprendizagens e de troca e teste de conhecimentos e habilidades em várias faixas etárias e de gênero. Esse palco de desenvolvimento corre ao sabor das preferências e estruturas de brincadeiras. Estas, por sua vez, diferenciam-se em função de gênero e idade, sem, com isso, adquirirem caráter de exclusividade, os eventos acontecem ao alcance de todos (observadores e praticantes). Contudo, pode-se perceber que, apesar da ampla disponibilidade de atividades, a rua é diferencialmente ocupada, ou seja, com uma maior presença de meninos do que de meninas. Pesquisas posteriores deveriam investigar mais detalhadamente os motivos de tal resultado, essa questão foge aos objetivos deste trabalho.

Nesse contexto, as diferenças de gênero, que se manifestam fortemente por meio de aspectos sociais e culturais, apesar de terem sua origem em diferenças biológicas (SILVA et al., 2006), apresentam-se em uma configuração bastante peculiar. A partir dos dados encontrados, é possível verificar que as brincadeiras sociais foram bastante expressivas, especialmente para os meninos. Nota-se que, a despeito das categorias, o pivô das brincadeiras é o outro, o meu parceiro; isso pode ser verificado pelo baixo número de brincadeiras exercidas isoladamente – a grande maioria necessita de, pelo menos, um parceiro para acontecer –, e pela presença constante de grupos desenvolvendo a brincadeira na rua. Com certeza, o modo de vida do grupo investigado ainda está distante do mundo tecnológico, industrializado e individualizado do brincar. De fato, esse aspecto destaca uma importante característica do contexto, revelada nas brincadeiras infantis.

Por outro lado, se destacam numericamente os jogos com regras. O procedimento de registro adotado, isto é, de todas as pessoas presentes no grupo, revelou a alta frequência em várias faixas etárias, desde a infância até a adolescência, independentemente de exercer o papel de praticante ou de observador. Esses jogos revelam um importante aspecto do contexto investigado. Pode-se dizer que as regras presentes nesses jogos normatizam as relações, indicando, como salientam Cordazzo e Vieira (2007), uma faceta de apreensão, de maneira concreta, das normas sociais.

Considerações finais

Observações de brincadeiras em contextos de rua são ainda bem escassas na literatura. A maioria das descrições se dá em ambientes planejados por adultos, tais como creches, escolas e brinquedotecas; nesses ambientes, a alta estruturação cria dinâmicas compatíveis, tais como formação de grupos semelhantes com relação a classes socioeconômicas, faixas etárias e, geralmente, a gênero. Na rua, não há uma pré-organização que estruture os grupos; estes se dão de acordo com as dinâmicas do contexto e da cultura. No geral, destaca-se na rua um contexto extremamente dominado por brincadeiras coletivas. Tais brincadeiras têm se mostrado um importante elemento para o estudo da sociabilidade humana e do desenvolvimento de competências sociais em crianças, desde os primeiros anos de vida.

Entende-se que essa pesquisa mostra uma faceta da cultura infantil ainda pouco revelada na literatura da área. Trata-se da transmissão de saberes compartilhados por grupos de crianças e adolescentes, em que a brincadeira é repassada de par a par, seja por meio da observação ou da participação ativa. Foram usadas técnicas observacionais mais quantitativas que auxiliam a compreender a diversidade e a intensidade do fenômeno estudado. Contudo, esses dados carecem de uma subjetivação que só pode ser captada por descrições mais qualitativas. Trabalhos futuros deveriam investigar aspectos relativos à dinâmica dos eventos e das relações na cultura da brincadeira. A análise de episódios de brincadeiras de alta frequência pode ajudar a nos aproximar dessa questão.

Por fim, os dados aqui presentes, podem também permitir uma discussão, ainda que incipiente, mas de extrema importância, sobre os fatores de proteção envolvidos. Sempre se destaca a rua como um ambiente carregado de riscos ao desenvolvimento, e isso é verdade quando se salienta a suscetibilidade à violência e consumo de drogas. Porém, há uma faceta pouco considerada, isto é, a rua como contexto de aprendizagem de valores e regras relativas à cultura infantil. Nesse sentido, o presente trabalho aponta a rua como um contexto no qual também podem ser encontrados fatores de proteção, à medida que permita o compartilhamento de experiências entre crianças e adolescentes, em atividades que têm por objetivo, simplesmente, o seu exercício, isto é, as brincadeiras.

STREET GAMES IN BELÉM-PA: AN ANALYSIS OF GENDER AND AGE

Abstract: The children's games constitute a rich moment of social interactions, object of interest both as a description of child's culture as for the Psychology of Development. This article intends to describe the street games in a suburb of Belém-PA, and relate them to age and gender of the participants. The participants were 668 children and adolescents (423 boys and 245 girls), residents or visitors in the area studied, who were playing in the collection period. The instruments used were: register paper and socio-demographic questionnaire. The technique chosen was scan. The frequency and variability of the games was high, totaling 17.877 records, divided into 176 different games. The profile most observed was boys aged 10-13 years, and games of rules have been the most frequent. Overall, street is a context supportive of collective play.

Keywords: tricks; human development; gender; children; adolescents.

JUEGOS EN LA CIUDAD DE BELÉM-PA: UN ANÁLISIS DE GÉNERO Y EDAD

Resumen: Los juegos infantiles constituyen momento de riqueza en interacciones sociales, objeto de interés tanto para descripción de la cultura infantil como de la Psicología de Desarrollo. La presente investigación trata de describir los juegos en las calles de un barrio de la periferia de la ciudad de Belém-PA, y relacionarlas con la edad y el género de los participantes. Participaron del estudio 668 niños y adolescentes (423 niños 245 niñas), residentes o visitantes del área investigada, que se encontraban jugando durante el período de recogida de datos. Los instrumentos utilizados fueron: hoja de registro y cuestionario sociodemográfico. La técnica escogida fue la barredura. Fue alta la frecuencia y variancia de juegos, totalizando 17.877 registros, distribuidos en 176 juegos distintos. El perfil del jugador más observado fue de niños en grupo de edad entre 10-13 años, siendo juegos de reglas la categoría más frecuente. En general, se destaca la calle como contexto favorecedor de juegos colectivos.

Palabras clave: juegos; desarrollo humano; género; niños; adolescentes.

Referências

ALTMANN, J. Observational study of behavior: sampling methods. **Behaviour**, v. 49, p. 227-267, 1974.

ALVES, P. B. **O brinquedo e as atividades de crianças em situação de rua**. 1998. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

BICHARA, I. D. Crescer brincando no Velho Chico: o dia-a-dia de crianças xocó e do Mocambo. In: SÁ, A. F. A.; BRASIL, V. (Ed.). **Rio sem história?** Leituras sobre o Rio São Francisco. Aracaju: Fapese, 2005. v. 1, p. 105-120.

BICHARA, I. D.; CARVALHO, A. M. A.; OTTA, E. et al. Brincar ou brincar: eis a questão – a perspectiva da psicologia evolucionista sobre a brincadeira. In: OTTA, E.; YAMAMOTO, M. E. (Ed.). **Psicologia evolucionista**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2009. p. 104-113.

BJORKLUND, D. F.; PELLEGRINI, A. D. Child development and evolutionary psychology. **Child Development**, v. 71, n. 6, p. 1687-1708, 2000.

BROUGÈRE, G.; WAJSKOP, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1997.

CAMAIONI, L. **L' interazione tra bambini**. Roma: Armando Armando, 1980.

CARVALHO, A. M. A.; BERALDO, K. E. A. Interação criança-criança: o ressurgimento de uma área de pesquisa e suas perspectivas. **Cadernos de pesquisa**, v. 71, p. 55-61, 1989.

CARVALHO, M. J. P. **Brincar para quê?** A brincadeira como espaço de apropriação de conhecimentos em crianças de três anos. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

CARVALHO, A. M. A.; PONTES, F. A. R. Brincadeira é cultura. In: CARVALHO, A. M. A. et al. **Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. v. 1, p. 15-32.

CORDAZZO, S. T. D.; VIEIRA, M. L. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 7, p. 89-101, 2007.

CORDAZZO, S. T. D.; VIEIRA, M. L. Caracterização de brincadeiras de crianças em idade escolar. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 21, p. 365-373, 2008.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FRIEDMANN, A. **Jogos tradicionais na cidade de São Paulo: recuperação e análise de sua função educacional**. 1990. Dissertação (Mestrado em Metodologia de Ensino)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <<http://maps.google.com.br>>. Acesso em: 22 ago. 2010.

GOSSO, Y.; OTTA, E. Em uma aldeia Parakanã. In: CARVALHO, A. M. A. et al. (Ed.). **Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. v. 1, p. 33-77.

- KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 1999.
- LEAL, M. C.; AIRES, H. C. **A compreensão das relações sociais no espaço de brincadeira**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.
- LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone Editora, 1994.
- LIMA, M. B. S. et al. Atividade doméstica e socialização: a visão de adolescentes de classes economicamente distintas. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 18, p. 189-200, 2008.
- MACCOBY, E. E. Gender and relationships. **American Psychologist**, v. 4, n. 45, p. 513-520, 1990.
- MORAIS, M. L. S.; OTTA, E. Entre a serra e o mar. In: CARVALHO, A. M. A. et al. (Ed.). **Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. v. 1, p. 127-157.
- PARKER, S. T. Playing for keep: the evolutionary perspective on human games. In: SMITH, P. K. (Ed.) **Play in animals and humans**. Oxford: Basil Blackwell, 1984. p. 271-293.
- PEDROSA, M. I. **Interação criança-criança: um lugar de construção do sujeito**. 1989. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental)—Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- PEDROSA, M. I. A brincadeira como um lugar ecologicamente relevante para a investigação da criança. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO DESENVOLVIMENTO, 2005, Vitória. **Anais...** Vitória: UFES, 2005. p. 37-42.
- PELLEGRINI, A. D.; SMITH, P. K. Physical activity play: the nature and function of a neglected aspect of play. **Child Development**, v. 68, p. 577-598, 1998.
- PINHO, A. F. A. **Brincando, a gente se entende**. Análise da brincadeira na creche como espaço de desenvolvimento infantil. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.
- PONTES, F. A. R.; MAGALHÃES, C. M. C. A estrutura da brincadeira e a regulação das relações. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 18, p. 213-220, 2002.
- PONTES, F. A. R.; MAGALHÃES, C. M. C. A transmissão da cultura da brincadeira: algumas possibilidades de investigação. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 117-124, 2003.
- QUEIROZ, N. L. N.; MACIEL, D. A.; BRANCO, A. U. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Paidéia**, v. 16, n. 34, p. 169-179, 2006.
- SILVA, L. I. C. et al. Diferenças de gêneros nos grupos de brincadeiras na rua: a hipótese de aproximação unilateral. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 19, p. 114-121, 2006.

SUPER, C. M.; HARKNESS, S. The environment as culture in developmental research. In: FRIEDMAN, S. L.; WACHS, T. D. (Ed.), **Measuring environment across the life span: emerging methods and concepts**. Washington: American Psychological Association, 1999. p. 279-323.

SUTTON-SMITH, B. **Toys as culture**. London: Gardner Press Inc., 1986.

WAGNER, F. et al. O papel da brincadeira no contexto escolar de crianças em situação de rua. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 16., 2004, Porto Alegre. **Resumos...** Porto Alegre: UFRGS, 2004.

Contato

Eline Freire Monteiro

e-mail: eline_freire@hotmail.com

Tramitação

Recebido em setembro de 2010

Aceito em abril de 2012